Fundação Getulio Vargas **Veículo:** O Globo Online - RJ **Data:** 27/10/2022
Tópico: FGV Social **Página:** 05:29:37 **Editoria:** Notícia

Programas de combate à fome perdem verba, enquanto governo privilegia Auxílio Brasil
Clique aqui para ver a notícia no site

Enquanto orçamento para transferência direta de renda cresceu entre 2019 e 2022, recursos para 6 ações voltadas à segurança alimentar caíram 38%. Ao mesmo tempo em que o governo de Jair Bolsonaro (PL) focou em transferência de renda — com o Auxílio Brasil, turbinado neste ano eleitoral — deixou de lado outros programas de combate à fome. Enquanto o orçamento para transferência direta de renda cresceu entre 2019 e 2022, a verba para seis ações cruciais para a segurança alimentar caiu 38%. Em alguns casos, os programas foram completamente desmantelados. Insegurança alimentar: A cara da fome no Brasil Fome no Brasil: Veja a situação em cada estado Essas ações, que tinham programação de gasto de R$ 9,4 bilhões em 2019 em valores já corrigidos pela inflação, sofreram redução sucessivas e ficaram com orçamento de R$ 5,8 bilhões em 2022. E no próximo ano poderão ter ainda mais reduções: o orçamento previsto para 2023, que ainda pode sofrer ajustes no Congresso, é de R$ 4.4 bilhões e, se confirmado, será uma redução de 52,9% sobre a dotação de 2019. Em contrapartida, o orçamento da transferência de renda cresceu, mas o programa perdeu o foco. Em 2019, já em valores corrigidos, o Bolsa Família tinha previsão de gasto de R$ 37,5 bilhões. Esse número aumentou 149%, passando para R$ 93,5 bilhões em 2022. Fome tem cara: "Dinheiro do auxílio dura só uma semana. Quando dá, comemos ovo, salsicha e macarrão", diz mãe de 4 filhos Veja também: No Brasil, risco de fome atinge 37% dos lares onde vivem crianças menores de 10 anos Além disso, nesse período, o governo fez gastos para além do teto, com o Auxílio Emergencial durante a pandemia, e também flexibilizou regras fiscais para poder gastar mais com a ação, atendendo a ambições eleitoreiras do presidente. Nos seis programas com foco mais estruturante (aquisição de alimentos, alimentação escolar na educação básica, ações de proteção social básica, ações de proteção social especial, formação de estoques públicos com agricultura familiar, construção de cisternas), funcionários relatam também desarticulação na gestão, trocas constantes nas equipes e falta de continuidade de projetos, além de baixo empenho das poucas verbas destinadas, o que leva a novos cortes no orçamento do ano seguinte. Os programas perderam R$ 3,6 bilhões, na comparação do orçamento de 2022 com o de 2019. A fome que assombra o Rio: veja a saga diária de pessoas por uma refeição 1 de 12 Denise da Silva busca comida nos restos deixados no lixo da Ceasa — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 2 de 12 Dona Juraci da Silva, 73 anos, come uma quentinha doada pela igreja. A idosa mora em um barraco às margens da linha verde, em Acari. — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 12 fotos 3 de 12 No Estado do Rio, o número de pessoas que não têm o que comer aumentou 400% nos últimos quatro anos — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 4 de 12 À caça de restos: pessoas buscam alimentos que ainda possam ser consumidos em meio ao descarte do Ceasa, em Irajá — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 5 de 12 Mulheres reviram as sobras na Ceasa — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 6 de 12 Estudo da FGV Social sobre a insegurança alimentar no Brasil aponta a “feminização” da fome. Entre 2019 e 2021, aumentou de 33% para 47% a parcela das mulheres no país que não tiveram dinheiro para alimentar a si ou a sua família em algum momento. — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 7 de 12 Na montanha de lixo vindo da Ceasa, em Irajá, pessoas em situação de insegurança alimentar buscam o que comer — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 8 de 12 Morador de rua espera por restos de comida que clientes de um restaurante, na Cinelândia, poderão deixar: a falta de comida faz parte do cotidiano de 15,9% da população fluminense — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 9 de 12 Fome: Juraci da Silva, 73 anos, comendo quentinha doada pela igreja, ela mora em um cubículo às margens da linha verde em Acari — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 10 de 12 Flávio Paulo, com seus três filhos, ganha a vida vendendo pipoca e doces na Avenida Presidente Vargas. "Prefiro trazer as crianças para ficar perto de mim, assim protejo mais elas" — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade 11 de 12 Garimpo da fome no Ceasa de Irajá; cada alimento encontrado é um sentimento de "vitória" — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo 12 de 12 Em setembro do ano passado, imagem que já traduzia a luta para tentar

driblar a fome: em busca de algum alimento, pessoas recolhiam ossos e pelancas descartadas de supermercados na Glória, Zona Sul do Rio — Foto: Domingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 12 Publicidade João Evangelista Santos Oliveira, assessor de projetos da Cáritas do Piauí e coordenador do Fórum do Semiárido no estado, diz que o corte de verbas para a ação se intensificou sob o governo Bolsonaro: — A gente conseguiu mobilizar junto ao governo em torno de R$ 1,4 bilhão e isso sempre chegou na ponta, na construção de cisternas. O último edital que teve para a sociedade civil foi em 2019 e com cifra de R$ 60 milhões. Aí o governo não aportou mais. O projeto das cisternas conseguiu fazer uma coisa importante: extinguiu totalmente a fome do flagelo, as pessoas que morriam de fome ou de sede e agora não mais — disse. Preços altos: Inflação global tem impacto maior na América Latina, região mais desigual do mundo Na agricultura familiar, houve redução na compra de alimentos para a formação de estoques públicos, que poderiam ajudar no controle de preços. Alimentos básicos no prato dos brasileiros, arroz e feijão não possuem mais estoques públicos, de acordo com os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Em 2019, o orçamento previa R$ 1,74 bilhão para essas compras, mas o governo só usou 12,8% verba e só desembolsou R$ 224 milhões. O mesmo ocorreu em 2021: da previsão de R$ 1,6 bilhão, só foram gastos R$ 136,2 milhões. Como o governo não usa esses valores, os orçamentos encolheram. Para 2022, foi autorizado o gasto de R$ 383,3 milhões, dos quais foram utilizados, até o momento, R$ 80,6 milhões. Os invisíveis do Auxílio Brasil 1 de 8 O catador de recicláveis Luiz Araújo Lima, de 64 anos, passa os dias circulando pelas quadras do Plano Piloto, em Brasília, para conseguir as latinhas, garrafas plásticas e papelão que lhe rendem, até R$ 150 por semana — Foto: Cristiano Mariz 2 de 8 Sizaltina Lopes de Santos, 57 anos, foi morar em uma barraca no final da Asa Norte, também em Brasília. Sem emprego, já recebeu ajuda do governo, com o Bolsa Família, mas teve o benefício suspenso por falta de atualização no cadastro — Foto: Cristiano Mariz Pular X de 8 Publicidade 8 fotos 3 de 8 Judite Rodrigo dos Santos, de 76 anos, recebe uma aposentadoria, mas como já fez alguns empréstimos, sua renda mensal é de R$ 650 — Foto: Cristiano Mariz 4 de 8 Famílias constroem barracos nos canteiros das avenidas do Plano Piloto, área central de Brasília. — Foto: Cristiano Mariz Pular X de 8 Publicidade 5 de 8 Famílias enfrentam fila na porta do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de madrugada para tentar se cadastrar no Auxílio Brasil. — Foto: Cristiano Mariz 6 de 8 Mesmo com o aumento no valor do Auxílio Brasil, número de pessoas morando nas ruas tem crescido no país. — Foto: Gabriel de Paiva Pular X de 8 Publicidade 7 de 8 Moradores em situação de rua no Rio. Andreia da Conceição dorme na Praça da Cruz Vermelha, na Lapa — Foto: Gabriel de Paiva 8 de 8 Ao menos 8,3 milhões de pessoas estão sem acesso ao Auxílio Brasil — Foto: Gabriel de Paiva Pular X de 8 Publicidade Cresce número de brasileiros que teriam direito ao benefício O programa Fomento Rural viveu uma fase de trocas constantes de pessoal, que atrapalharam a continuidade de programa. Além disso, a ação prevê acompanhamento de pequenos agricultores e transferência direta de recursos, entre R$ 2,4 mil e R$ 3 mil mensais. A quantidade de famílias atendidas despencou: de 18.822 atendidas em 2019 permanecem 5.726 neste ano. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), que oferece alimentação para alunos da rede básica pública, não tem os valores reajustados desde 2017, e há escolas que recebem R$ 0,32 por aluno. Isso ocorre porque Bolsonaro vetou em agosto o reajuste de 34% nesta verba, que havia sido aprovada pelo Congresso. Estudo: Inadimplência recorde deve frear retomada da economia em 2023 Otoni Costa de Medeiros (União), prefeito da cidade de Várzea, no sertão da Paraíba, diz que, no caso da merenda escolar, faz tempo que o valor repassado pelo governo é insatisfatório. — Trinta e poucos centavos por aluno, por dia letivo, é um valor insignificante. O município tem que complementar, e muito, porque nesses últimos anos, também por causa da pandemia, os preços dos alimentos subiram muito — diz. Uma decisão tomada no primeiro dia do governo Bolsonaro– a extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea) – reverberou na coordenação das ações contra fome. Ação considerada fundamental para o semi-árido nordestino, o programa de cisternas — fundamental para abastecimento humano e produção agropecuária — praticamente foi extinto. Servidores que fizeram carreira no programa pediram para deixar a ação pela desarticulação. Xepa da carne: caminhão com pelanca e osso vira esperança de alimento para quem tem fome no Rio 1 de 10 Diante do desemprego e da inflação galopante, pelanca vira esperança de alimento para famílias que buscam com o que matar a fome Domingos Peixoto / Agência O Globo 2 de 10 Luis Vander, 39 anos, escolhe suas peças e ajuda a organizar a distribuição. Em situação de rua, ele tem habitado as calçadas da GlóriaDomingos Peixoto / Agência O Globo Pular X de 10 Publicidade 10 fotos 3 de 10 População seleciona porções do que restou da carne dos mercadosAgência O Globo 4 de 10 Caminhão de pelanca. Cerca de 19,1 milhões de pessoas vivem quadro de insegurançaalimentar grave. Aumento no número de pessoas quesofrem com a escassez de alimentos é de 54% se comparado a 2018Agência O Globo Pular X de 10 Publicidade 5 de 10 Fila da fome. Pessoas em situação de rua disputam restor de carne em caminhão. Agência O

Globo 6 de 10 Mulheres, homens e jovens se amontoam em busca dos restos da carne e dosossos. O que antes pediam para cachorros, agora pedem para comerAgência O Globo Pular X de 10 Publicidade 7 de 10 No estado do Rio, 12% dapopulação vivem com renda entre R$ 89 e R$ 178Agência O Globo 8 de 10 Vanessa Avelino, 48 anos, também mora nas ruas do Rio e caminha até o ponto de distribuição, onde separa pelanca por pelanca,osso por osso em busca dealgo melhor para pôr na sacolaAgência O Globo Pular X de 10 Publicidade 9 de 10 Pesquisa mostra que mais de 116,8 milhões de pessoas vivem hoje sem acesso pleno e permanente a alimentosAgência O Globo 10 de 10 Pobreza extrema queleva pessoas a garimpar restos foi acentuada no Brasil durantea pandemia de Covid-19Agência O Globo Pular X de 10 Publicidade Xepa da carne: caminhão com pelanca e osso vira esperança de alimento para quem tem fome no Rio Esses técnicos do governo relatam que o programa, que estava no guarda-chuva do Ministério da Cidadania, começou a ruir ainda na gestão de Osmar Terra, quando o governo deixou de contratar a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), rede formada por mais de três mil organizações da sociedade civil com expertise na construção dessas cisternas. Desde então, o governo vem credenciando novas associações interessadas na prestação de serviços, mas há efeitos sobre a entrega das cisternas. Já o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) — que adquiria produtos da agricultura familiar para distribuir gratuitamente a quem não tem acesso à alimentação — foi totalmente adulterado, segundo servidores que continuam no Ministério da Cidadania. Primeiro, ele foi incorporado pelo Alimenta Brasil, numa mudança de nome para registrar a ‘marca" do governo Bolsonaro. Depois, passou a reforçar a distribuição de cestas básicas, ampliando o uso político da ferramenta. O Brasil passa fome? Entenda os critérios que apontam 33 milhões de brasileiros em insegurança alimentar Um exemplo foi a atuação de Mariana Carvalho (PSC-MA), que ficou com a suplência para uma vaga de deputada federal, mas que foi coordenadora nacional do PAA entre maio de 2021 e fevereiro de 2022. Apesar de ser coordenadora nacional do PAA, Mariana só divulgou a entrega de cestas básicas no próprio estado. Na assistência social, programas cruciais no âmbito dos SUAS estão sofrendo com a asfixia de recursos. Este é o braço das “buscas ativas”, que procura moradores nas ruas ou pessoas com situações graves, como histórico de violência ou uso de drogas. A proteção social básica, cujas atividades incluem a manutenção dos Centros de Referência de Assistência Social (Cras), porta de entrada do Cadastro Único, teve verbas minguadas. Em 2019, a previsão orçamentária era de R$ 1,5 bilhão e foi reduzida para R$ 664,6 milhões neste ano – uma queda de 55,7%, que foi ocorrendo ao longo desse período. Mesma situação ocorre com as verbas para a proteção social especial, que perdeu 31% das verbas no período. PIB: Juros altos e fim do ''dinheiro extra'' fazem economia dar sinais de desaceleração Para João Luiz Guadagnin, consultor em desenvolvimento rural e crédito, os problemas se acumulam: — Quando o governo desestimula a compra de alimentos da agricultura familiar, reduz mercado e isso encarece o custo, não só para as prefeituras que compram os produtos: a oferta de alimentos como um todo é atingida quando essas políticas não andam juntas. O programa de aquisição de alimentos e de merenda escolar praticamente acabaram, e as prefeituras preferem comprar bolacha do que alimentos produzidos nos municípios. A avaliação da economista Monica de Bolle, é que o governo Bolsonaro enfraqueceu os sistemas de pesos e contrapesos que serviam para fiscalizar essas ações. — O que acaba sofrendo mais são exatamente esses programas que não são visíveis para boa parte da população: é visível para quem precisa, que é a maioria da população, mas são os mais pobres e com menos articulação política. O governo consegue tirar os recursos e não faz barulho. Os retrocessos no Brasil em 2022 1 de 7 A pobreza que se vê nas ruas e periferias de hoje está no mesmo nível da registrada entre 2009 e 2011 2 de 7 A inflação acumula alta de 7,17% em 12 meses, com forte alta nos preços dos alimentos Pular X de 7 Publicidade 7 fotos 3 de 7 A fome no Brasil, reduzida para 5% da população em 2014, saltou agora para 15% e atinge 33 milhões de brasileiros 4 de 7 O nível atual da produção industrial captada nas Contas Nacionais do IBGE é similar ao de 2009, retrocesso de 13 anos Pular X de 7 Publicidade 5 de 7 Escolas fechadas e sem suporte aos alunos levou a evasão escolar entre 5 e 9 anos alcançar o nível de 2006. 6 de 7 Em 2021, foram mapeados mais de 13 mil km desmatados na Amazônia, situação só vista em 2008. Pular X de 7 Publicidade 7 de 7 O consumo das famílias, motor da economia, regrediu aos patamares de 2015, e a renda domiciliar per capita a 2011. Pobreza, fome, educação são algumas das áreas que pioraram O desafio do próximo governo será reconstruir essa rede, avalia Renato Maluf, coordenador da Rede Penssan e ex-presidente do Consea. — O enfrentamento a fome e insegurança alimentar não se deveu a programas alimentares, somente. Parte essencial do que aconteceu tem a ver com criação de emprego, valorização do salário mínimo e investimento público. Os efeitos da transferência de renda se perdem quase inteiramente num contexto econômico adverso como agora — pontua. O professor da UFRB Silvio Porto, ex-diretor da Conab, concorda que na atual situação socioeconômica e com o avanço da fome, a retomada de programas como PAA, PNAE e cisternas é crucial: — Esses são programas estratégicos, que podem resolver

rapidamente os problemas de parcela expressiva da população. Com o avanço das commodities em detrimento a outras culturas, a população terá dificuldades em alimentar-se adiante. O Globo Recomenda

1 de 1 Pessoas são flagradas recolhendo alimentos e produtos de caminhão de coleta de lixo descartados por supermercado na rua do Rezende, na região central do Rio de Janeiro, nesta segunda-feira, 8 de agosto de 2022. A mesma cena foi flagrada no mês passado. (Foto: Onofre Veras/TheNews2/Agência O Globo) Rio